

Universidade Lusófona – Curso “Maria Madalena: Santa e Profana”

Docente: Prof.^a Dr.^a Lidice Meyer

**O estereótipo de Maria Madalena nas casas de recolhimento do Antigo Regime
português**

Rozely Menezes Vigas Oliveira

A imagem de Maria Madalena tem sido bastante controversa desde os primórdios da Igreja cristã. Na Bíblia, ela aparece em breves referências. Pela primeira vez, como a mulher que foi curada de sete demônios por Jesus e, que a partir de então, teria passado a segui-lo e a assistir financeiramente o seu ministério (Lc 8.1-3). Maria Madalena também é uma das mulheres, que junto com Maria, mãe de Jesus, acompanham os momentos derradeiros da paixão de Cristo (Mt 27.55-56; Mc 15.40-41; Jo 19.25). Após a morte do mestre, ela iniciaria uma vigília – primeiro velando o túmulo em que Jesus havia sido sepultado e depois retornando para embalsamar o corpo deste – que iria culminar no encontro com Cristo ressuscitado (Mt 28.9-10; Mc 16.9-11; Jo 20.11-18). É ela que comunica aos demais discípulos a Boa Nova da ressurreição do mestre, a partir de uma evidente missão dada por Jesus: “Vá e conte! (Apostolein)” (MEYER, 18 jun 2022, p. 10). Contudo, devido às poucas informações que os evangelhos canônicos fornecem sobre esta mulher tão presente e ativa na vida pública de Cristo, a identidade de Maria Madalena esteve sempre muito envolta de ambiguidades e equívocos.

De “Portadora de Mirra”, “Nova Eva” e “Apóstola dos Apóstolos”, defendida pelos Pais da Igreja como exemplo da natureza da fé e da salvação humana (TOMMASO, s/d, 1-2), Maria Madalena passou a ser intitulada com epítetos, como os de “A prostituta”, “A pecadora” e “A penitente”, principalmente, depois da homilia de Gregório Magno, em 591 d.C. (MEYER, 28 mai 2022, 6). De acordo com Wilma De Tommaso (s/d, 4-5), este papa teria posto fim a uma polêmica entre duas correntes do pensamento cristão. Os bizantinos acreditavam que duas mulheres distintas teriam ungido Jesus – a pecadora anônima, presente na casa de Simão, e Maria, irmã de Marta e de Lázaro; enquanto Santo Agostinho (354-430) defendia que as duas teriam sido a mesma mulher. Na sua homilia, o papa fez uma associação direta entre as duas mulheres e Maria Madalena, cujos demônios tinham sido expulsos por Jesus. Todas elas seriam uma só: Maria Madalena. Os sete demônios foram, automaticamente, associados aos sete pecados capitais e a antes “apóstola dos apóstolos” passou a ser a pecadora penitente, que teria alcançado a salvação de sua alma por meio de seu arrependimento.

A *Legenda Aurea*, publicada pela primeira vez na Basileia, em 1470 e cuja autoria é atribuída ao genovês Jacopo da Varagine (1230-1298), terminaria por consagrar as três figuras femininas dos Evangelhos canônicos em Maria Madalena (BARBAS, 2008, 80-86). Embora a imagem da santa como discípula de Jesus não tenha morrido – como é possível observar nos escritos medievais de Bernardo de Claraval –, as representações de Maria Madalena na arte da Europa medieval e mesmo na renascentista estiveram atreladas à imagem de prostituta arrependida, como visto em aula.

Com o Concílio de Trento – em resposta não apenas à ruptura causada por Martinho Lutero, mas também às demandas espirituais dos católicos, que permaneciam desde o medievo (apesar das tentativas de reforma no século XII) e que haviam sido ampliadas com a crise do século XIV – a representação de Maria Madalena como apóstola é rejeitada e ela é transformada no símbolo da penitência, da humildade e do amor a Deus. A preocupação com a virtude feminina não era algo inovador da Reforma Católica, já que o medo em relação às mulheres era um companheiro de longa data. Segundo Delumeau, “a atitude [masculina] em relação ao ‘segundo sexo’ sempre foi contraditória, oscilando da atração à repulsão, da admiração à hostilidade” (DELUMEAU, 2009, 462). Então, se para o homem medieval a morte teria entrado “neste mundo por intermédio de uma mulher, Eva. Certamente uma outra mulher, Maria, mãe de Deus [a Nova Eva], reabriu as portas do paraíso”, Maria Madalena seria uma terceira figura feminina, mais “acessível, imitável, pecadora como todas as mulheres” (DUBY, 2001, 38). Assim, as mulheres vistas como pessoas fracas, suscetíveis à tentação do demônio – como Eva foi –, também poderiam ser vistas como honradas e virtuosas se seguissem o exemplo de Maria e penitentes e arrependidas se trilhassem os caminhos de Maria Madalena.

Para que tais valores de honra e virtude, era tido como uma necessidade essencial o afastamento da mulher dos perigos do mundo. Maria Marta de Araújo informa que para salvaguardar a honra das mulheres foram criadas inúmeras instituições de reclusão feminina, aparecendo, assim, casas de recolhimento em toda Europa católica que abrigavam órfãs, viúvas, casadas no período em que seus maridos estivessem ausentes, como mulheres cuja conduta havia ofendido a moral católica, as chamadas *madalenas* ou *arrependidas* (ARAÚJO, 2008, 3).

A reclusão de mulheres leigas ou religiosas se tornou uma realidade, sendo ratificada e controlada pela Igreja e por instituições civis em toda a Europa Católica, principalmente na Península Ibérica. Às mulheres que haviam ofendido a moral cristã católica, como as prostitutas, foi-lhes dada a opção de se enquadrarem na sociedade em casas de recolhimento destinados às que queriam mudar de vida. Conforme Coates, esses tipos de casas constituíram um fenômeno social complexo. Faziam parte de uma estratégia da Coroa com a Igreja que

objetivavam não só impulsionar casamentos e criar famílias, mas também punir a sexualidade marginalizada (COATES, 1998, 217). A partir da imagem amplamente difundida de Maria Madalena, o objetivo destas instituições era afastar essas mulheres do que consideravam uma vida de vícios e danação para encaminhá-las à salvação através da reclusão e purgação dos pecados com trabalhos manuais e penitências.

Em Portugal, essas casas foram criadas em cidades como Lisboa, Évora e Braga. O recolhimento da capital foi fundado, em 1587, tendo como missão “regenerar mulheres e conduzi-las à vida honesta para um possível casamento” (*Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*. Vol. VI, p. 106. Apud: COATES, 1998, 219). A casa das madalenas de Lisboa, portanto, também desempenhou um importante papel na colonização do Império português, pois suas habitantes eram utilizadas como colonizadoras ao serem enviadas a território do além-mar português com o objetivo de se casarem. Do mesmo modo, casas para as arrependidas foram fundadas nos territórios coloniais. Recolhimentos, como o de Santa Maria Madalena, em Goa, o de São Raimundo, em Salvador, e o de Itaipu, em Niterói, são bons exemplos do estabelecimento dessa prática reformista europeia pelos quatro cantos do mundo. Dessa maneira, a imagem de pecadora penitente de Maria Madalena terminou se perpetuando durante séculos no imaginário não apenas dos europeus ocidentais, mas de todo o mundo católico através das missões de conversão do povo nativo e das instituições voltadas para o feminino.

Referências bibliográficas:

- ARAÚJO, Maria Marta Lobo de. A assistência às mulheres nas Misericórdias portuguesas (séculos XVI-XVIII). *Nuevo Mundo Mundos Nuevos*. Coloquios, 2008. Disponível em: <<http://nuevomundo.revues.org/23482>> Acesso em: 19 fev. 2010.
- BARBAS, Helena. *Madalena – História e Mito*. Lisboa: editora Ésquilo, 2008.
- COATES, Thimoty. *Degredados e órfãs: colonização dirigida pela coroa no império português 1550-1755*. Lisboa: Comissão Nacional para os Descobrimentos Portugueses, 1998.
- DELUMEAU, Jean. *História do medo no ocidente 1300-1800: uma cidade sitiada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- DUBY, Georges. *Damas do século XII; Eva e os padres*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- RIBEIRO, Lidice Meyer Pinto. *Maria Madalena: apóstola*. Aula proferida no curso on-line “Maria Madalena: Santa e Profana” pela Lusófona-X. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 18 jun 2022.
- _____. *Maria Madalena: pecadora*. Aula proferida no curso on-line “Maria Madalena: Santa e Profana” pela Lusófona-X. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 28 mai 2022.
- TOMMASO, Wilma Steagall De. *Maria Madalena, um mito do cristianismo*. Disponível em: < https://www.academia.edu/15024064/Maria_Madalena_um_mito_no_cristianismo> Acesso em 04 jul. 2022.